



Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

A Interlocução de Saberes na Formação Docente 3

Atena
Editora
Ano 2019

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

A Interlocução de Saberes na Formação Docente 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
I61	A interlocução de saberes na formação docente 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Interlocução de Saberes na Formação Docente; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-534-1 DOI 10.22533/at.ed.341191408 1. Educação – Estudo e ensino – Avaliação. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. II. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Compreende-se que a formação de professores é uma área de pesquisa abrangente e de longa data, que vem apresentando grandes desafios: seja nas políticas públicas envolvidas, seja nas experiências adquiridas durante seu período de formação e/ou na compreensão sobre a consciência desse processo, no que tange a apropriação de saberes necessários à inserção na docência.

Neste sentido, a obra: “A interlocução dos saberes na formação docente” foi organizado considerando as pesquisas realizadas nas diferentes modalidades de ensino bem como, nas suas interfaces ligadas na área da saúde, inclusão, cultura, entre outras. Aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 24 capítulos, as pesquisas relativas à Educação Infantil e o Ensino Fundamental I e II .

O volume II, composto por pesquisas relativas ao Ensino Superior perpassando pelo ensino da Educação de Jovens e Adultos , educação profissional e inovações e no seu terceiro volume, aspectos da formação de professores nas tratativas de inclusão bem como, a importância do papel do coordenador(a) e algumas práticas profissionais considerando a relação cultural como fator preponderante no desenvolvimento das práticas educacionais.

Cabe aqui apontar que, os diferentes saberes fundamentam o trabalho dos professores e pode se estabelecer a partir de um processo de enfrentamento dos desafios da prática, resultante em saberes, entretanto pode também ser resultado das resistências.

As suas relações com a exterioridade fazem com que, muitas vezes, valorizem-se muito os saberes experienciais, visto que, as situações vividas podem até ser diferentes, todavia guardam proximidades e resultam em estratégias e alternativas prévias para outras intercorrências.

A mediação entre as práticas de ensino docente frente às atividades propostas adotadas é envolta em uma dinâmica da sala de aula e por consequência na obtenção do conhecimento. Esse “[...] processo dinâmico, contraditório e conflituoso que os saberes dessa prática profissional são construídos e reconstruídos”. (ROMANOWSKI, 2007, p.55)

Aos autores dos diversos capítulos, pela dedicação e esforços sem limites, que viabilizaram esta obra que retrata pesquisas que nos leva ao repensar das ações educacionais, os agradecimentos dos Organizadores e da Atena Editora.

Por fim, esperamos que as pesquisas aqui descritas possam colaborar e instigar mais estudantes e pesquisadores na constante busca de aprofundar e/ou buscar inovar na área da interlocução dos saberes na formação docente e, assim, possibilitar sobre os aspectos quantitativos e qualitativos a busca constante das melhorias da formação docente brasileira.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES OUVINTES PARA O ENSINO BILÍNGUE (LIBRAS/PORTUGUÊS) DE CRIANÇAS SURDAS NAS ESCOLAS INCLUSIVAS	
Vanessa Cristina Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3411914081	
CAPÍTULO 2	8
CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O ENSINO DE MATEMÁTICA PARA ALUNOS SURDOS	
Dayla Costa Guedes	
Fernanda Milla Silva Araújo	
Ana Telma Silva Miranda	
Dea Nunes Fernandes	
Letícia Baluz Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.3411914082	
CAPÍTULO 3	22
DEMANDAS E DESAFIOS NO TRABALHO COM COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BAIXO AMAZONAS – NEABI-IFAM/CPA	
Manoel Ferreira Falcão	
Artemis de Araújo Soares	
Thiago Fernandes	
Elaine Barbosa Amazonas	
DOI 10.22533/at.ed.3411914083	
CAPÍTULO 4	34
FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ATENDIMENTO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	
Adriana Cristina de Lima Oliveira	
Roseli Albino dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3411914084	
CAPÍTULO 5	47
POVO NAMBIKWARA KATITAURLU: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA LUTA PELA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM SEU TERRITÓRIO	
Rilane Silva Reverdito Geminiano	
Marcelo Augusto Totti	
DOI 10.22533/at.ed.3411914085	
CAPÍTULO 6	59
ATIVIDADES DIDÁTICAS COMO FERRAMENTA AUXILIADORA NO ENSINO E INCLUSÃO DE LIBRAS NO AMBIENTE ESCOLAR	
Yannka Miranda dos Santos	
Alana Cavalcante da Silva	
Wangra Maria Folha Rodrigues	
Pamela Alves de Paula	
Saronne Caroline Pereira de Sousa	
Aline Mendes Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.3411914086	

CAPÍTULO 7 66

EDUCAÇÃO SEXUAL, PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR E SEU IMPACTO NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Giseli Monteiro Gagliotto
Tailize Manarin
Luana Cristina Couss
Franciele Lorenzi

DOI 10.22533/at.ed.3411914087

CAPÍTULO 8 75

FONOAUDIOLOGIA E FORMAÇÃO DOCENTE: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE OS SABERES

Daniella Thaís Curriel
Vera Lúcia Blum

DOI 10.22533/at.ed.3411914088

CAPÍTULO 9 86

GRUPO DE PESQUISA AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO EM FISIOTERAPIA NEUROFUNCIONAL: PROPOSTA DIDÁTICA DE ARTICULAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS DE FISIOTERAPIA

Josiane Lopes
Suhaila Mahmoud Smaili

DOI 10.22533/at.ed.3411914089

CAPÍTULO 10 98

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS NO CONTEXTO REAL DO ESTÁGIO EM FISIOTERAPIA NEUROFUNCIONAL

Josiane Lopes

DOI 10.22533/at.ed.34119140810

CAPÍTULO 11 108

CONCEPÇÕES DE DISCENTES DE ESPECIALIZAÇÕES EM SAÚDE SOBRE A ÉTICA NA ÓTICA DE UMA DOCENTE

Rose Manuela Marta Santos
Tatiana Almeida Couto
Nathalie Oliveira Gonçalves
Rafael Moura Oliveira
Thaís Reis Silva
Sérgio Donha Yarid

DOI 10.22533/at.ed.34119140811

COORDENADORES, FORMAÇÃO E PRÁTICA

CAPÍTULO 12 120

REFLEXÕES DAS NARRATIVAS DE FORMAÇÃO COM COORDENADORES PEDAGÓGICOS – CEFAPRO SINOP/MT

Glades Ribeiro Mueller
Reginaldo da Costa

DOI 10.22533/at.ed.34119140812

CAPÍTULO 13	128
O PAPEL DO COORDENADOR ESCOLAR NAS DIMENSÕES DEMOCRÁTICA E PEDAGÓGICA: IMPACTOS NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE	
Rozilda Pereira Barbosa	
Maria Jozileide Bezerra de Carvalho	
Valquíria Soares Mota Sabóia	
DOI 10.22533/at.ed.34119140814	
CAPÍTULO 14	137
PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR, SUBJACENTE AO ROMPIMENTO DOS LAÇOS AFETIVOS NA INFÂNCIA, SOB A ÓTICA PSICOPEDAGÓGICA	
Neide Faixo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.34119140815	
CAPÍTULO 15	150
QUESTÕES DA PRÁTICA DOCENTE: FAZENDO COMPREENSÕES EM FREIRE E GERALDI	
Gisele da Silva Santos	
Mariane de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.34119140816	
CAPÍTULO 16	158
A SEDUÇÃO NO DISCURSO COMO EFEITO ANALISADOR: PRÁTICAS DE LIBERDADE NA ESCOLA VIVA	
Lucas Raphael Vazzoler Freitas	
Magalí Paraguassú Posse	
Pollyana Paraguassú Posse Guarçoni	
Marilene Dilem da Silva	
Lívia Dilen da Silva	
Cláudia Aparecida Vieira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.34119140817	
CAPÍTULO 17	171
A TEORIA DO ENSINO DESENVOLVIMENTAL: O PAPEL DO PROFESSOR NA ESTRUTURAÇÃO E APLICAÇÃO DE ATIVIDADES DE ESTUDO	
Kliver Moreira Barros	
Duelci Aparecido de Freitas Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.34119140818	
CAPÍTULO 18	181
ADESTRAMENTO E EDUCAÇÃO EM WITTGENSTEIN: UMA POSSIBILIDADE FRENTE ÀS INCERTEZAS DO CONSTRUTIVISMO	
Carolina Fragoso Gonçalves	
Lenilson Alves dos Santos	
Thiago Fragoso Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.34119140819	
CAPÍTULO 19	189
A SEQUÊNCIA DE FIBONACCI E A RAZÃO ÁUREA	
Renata Lúcia Sá Moreira	
Givaldo Oliveira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.34119140820	

CAPÍTULO 20	200
MEDIÇÃO DE CONFLITOS NAS RELAÇÕES EDUCATIVAS: REVISÃO DE LITERATURA PARA A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS PEDAGÓGICOS COMO INSTRUMENTO PARA A CULTURA DE PAZ	
Silvana Soares	
Maria Cristina Marcelino Bento	
DOI 10.22533/at.ed.34119140821	
CAPÍTULO 21	209
AS EXPERIÊNCIAS NO PROCESSO FORMATIVO/REFLEXIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO INICIAL	
Fábio da Penha Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.34119140822	
CAPÍTULO 22	218
INVESTIMENTO EM CULTURA, BENS CULTURAIS E DESEMPENHO ESCOLAR: A CONFIGURAÇÃO DESSA RELAÇÃO	
Luciana Soares da Costa	
Maria Aparecida Gomes Vieira	
Eveline Borges Vilela-Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.34119140823	
CULTURA	
CAPÍTULO 23	224
CAPOEIRA COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL	
Jonathas de Albuquerque Costa	
Laryssa Gabryelle Batista Ferreira da Silva	
Olivia da Silva Honorio	
Tereza Luíza de França	
Maria Aída Alves de Andrade	
Luana Freire Soares	
DOI 10.22533/at.ed.34119140824	
CAPÍTULO 24	233
ANALISAR À LUZ DA TEORIA DE PIAGET A PRODUÇÃO DE SABÃO EM BENEFÍCIO DO MEIO AMBIENTE NA ESCOLA ESTADUAL JK NO MUNICÍPIO DE VAZANTE-MG	
Ângelo Gomes de Melo	
Cátia Caixeta Guimarães Reis	
Ronaldo Martins Borges	
Marli Rodrigues da Fonseca	
Cleide Sandra Tavares Araújo	
Marcelo Duarte Porto	
DOI 10.22533/at.ed.34119140825	
SOBRE A ORGANIZADORA	244

EDUCAÇÃO SEXUAL, PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR E SEU IMPACTO NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Giseli Monteiro Gagliotto

Doutora em Educação, Docente da Graduação em Pedagogia e da Pós-graduação Mestrado em Educação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Campus de Francisco Beltrão. e-mail: giseligagliotto@ig.com.br

Tailize Manarin

Graduanda do curso de pedagogia, bolsista de Iniciação Científica- PIBIC-Fundação Araucária na Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Campus de Francisco Beltrão. e-mail: manarintailize@gmail.com

Luana Cristina Couss

Graduanda do curso de pedagogia, bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Social- PIBIS- Fundação Araucária na Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Campus de Francisco Beltrão. e-mail: luana.couss@gmail.com

Franciele Lorenzi

Pedagoga, mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Campus de Francisco Beltrão. E-mail: fran.lorenzi30@gmail.com

sendo instrumento esclarecedor das frustrações consciente e inconscientes de pacientes vítimas dessa agressão. No cenário intrafamiliar é possível definir o contexto do incesto como qualquer relação ou abuso sexual entre grau de parentescos com consanguinidade ou afinidade. E afirmar que essas experiências são nefastas e suas marcas são levadas para a vida toda, muitas vezes pelo fato de não poderem contar com suporte e tratamento apropriados devido ao fato ser concebido pela relação parental. Dentre as mais diversas consequências que o incesto acarreta na criança é visto que o seu sofrimento será manifestado dentro do âmbito escolar e conseqüentemente na sua aprendizagem. Essas expressões, geralmente são transmitidas em comportamentos apáticos e agressivos, nas diversas dificuldades de socialização, de se relacionar com a sua própria sexualidade, falta de atenção, falta de concentração e interesse.

PALAVRAS-CHAVE: Incesto. Educação. Formação de Professores. Psicanálise

1 | INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata de uma revisão bibliográfica em livros, dissertações e artigos sobre o impacto que a violência sexual tem na aprendizagem da criança, considerando a violência sexual intrafamiliar, apresentando

RESUMO: O artigo é resultado de uma pesquisa e se propôs estudar o impacto que a violência sexual causa na aprendizagem da criança considerando, nesse propósito, a influência intrafamiliar, trazendo aspectos visíveis a partir das escutas clínicas relatadas em alguns textos,

seus danos e buscando apontar caminhos de tratamento das frustrações conscientes e inconscientes das crianças vítimas dessa forma de violência. Pensando em um contexto historicamente constituído é possível perceber dentre os aspectos que percorrem o tema da violência sexual, a sua existência permanente na evolução humana em diversos contextos sociais e econômicos. Segundo Vagliati (2014) desde os tempos bíblicos já se tinha relações sexuais entre adultos e crianças a partir dos três anos de idade, já na idade média não havia um olhar específico entre eles, denominando-os como adultos em miniaturas. Ainda a autora destaca, a priorização do prazer masculino em alguns países e até mesmo a laceração dos clitóris nas meninas que ainda permanecem como práticas atuais em países africanos e no Oriente Médio. Essas ideias além de mostrar as questões da submissão feminina, reforçam a presença perpétua da violência e abuso sexual contra crianças na trajetória histórica da humanidade.

É possível definir a violência sexual como uma violação dos direitos sexuais ou exploração da sexualidade e do corpo em crianças e adolescentes envolvendo-os em atividades sexuais impróprias que agrida seu progresso psicológico, físico e social. A evidência da mesma no Brasil se deu a partir da aprovação do documento de proteção integral à criança e ao adolescente Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) na década de 1990, passando então a sofrer punição de forma legal qualquer atitude capaz de infringir os direitos de proteção à criança e ao adolescente. Vale ainda considerar que, dentre todos os modelos de violência, a exposição de corpo de forma erótica e imagens pornográficas são definidos como negligência, sofrendo assim as punições cabíveis sob pena de reclusão definidas pelo ECA, documento legal.

A partir de um cenário intrafamiliar é possível elucidar como conceito de incesto qualquer relação sexual entre parentes. A religião define esse ato como impuro, as experiências são nefastas e as marcas são levadas para a vida toda, muitas vezes pelo fato de não poderem contar com suporte e tratamento apropriados devido ao próprio comportamento parental. Segundo o autor Prado (2007):

As conseqüências das situações de abuso sexual na infância implicam em fatores traumáticos, internos e externos, em curto, médio e longo prazos, e dependem de uma série de aspectos, tais como a idade da vítima, a recorrência das situações abusivas, a complacência e a convivência familiares, as reações familiares após a revelação, agravadas quando implicam em desmentir a criança, de negação e permanência da situação abusiva, com o silêncio e o conluio familiares, sem contar uma possível falta de compromisso por parte de outros adultos do ambiente da criança, inclusive do sistema escolar e de saúde (s/p).

Quando tratamos de abuso sexual dentro do espaço doméstico familiar, geralmente prevalece o homem/pai como agressor e a menina como vítima de maior incidência, mas os meninos também são alvo dessa forma de violência. Segundo pesquisa realizada no município de São Paulo, Araújo (2002) afirma que em 71,5% dos casos são pais biológicos e 11% padrastos. Segundo dados da Secretaria

Especial dos Direitos Humanos no primeiro trimestre de 2015 foram registrados 4480 casos de violência sexual, representando um total de 85% de todas as denúncias registradas nesse período.

Freud (1997), em seus estudos, considera a violência como parte destrutiva e subjetiva ao homem, caracterizando-a como um sentimento de Outro diferente, na pulsão de seu domínio. Assim afirma

[...] Se amo uma pessoa, ela tem de merecer meu amor de alguma maneira. Ela merecerá meu amor, se for de tal modo semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu me possa amar nela; merecê-lo-á também, se for de tal modo mais perfeita do que eu, que nela eu possa amar meu ideal de meu próprio eu [...] Não meramente esse estranho é, em geral, indigno do meu amor; honestamente tenho que confessar que ele possui mais direito minha hostilidade e, até mesmo, a meu ódio. (FREUD, 1997, p.64-65).

De maneira visível, entende-se que a criança que sofre e/ou sofreu qualquer tipo de abuso ou violência sexual irá transmitir de alguma forma, principalmente, no âmbito escolar e na sua aprendizagem a partir de algumas ações como: agressividade, brincadeiras sexuais eróticas, dificuldades na concentração, medo de adultos, ideias suicidas dentre várias ações que são de importante relevância à observação cautelosa do professor. Assim Vagliati (2014) ensina que

A violência sexual acarreta uma desestrutura na identidade da vítima relacionada a sua integridade física e psicológica [...] Assim a violência sexual pode ocasionar lesões psíquicas, físicas e genitais, além de tornar crianças e adolescentes mais vulneráveis a outras modalidades de transtornos, como distúrbios sexuais, uso de drogas, prostituição, depressão e suicídio. (p.36).

Muitas vezes, as crianças são despercebidas pelos profissionais que confundem as suas atitudes e as relevam como algo superficial, como por exemplo quando apresentam muita sonolência, inquietação ou isolamento. Seu sofrimento e medo é relevante na rotina escolar e seus apontamentos se manifestam principalmente por meio de desenhos, de brincadeiras, de jogos de faz-de-conta, meio pelo qual ela utiliza para denunciar quem comete essa violência e de que forma isso acontece. Vagliati (2014), em sua pesquisa, afirma que os professores demonstram insegurança no envolvimento de casos de suspeita ou confirmação de violência sexual e alguns ainda delegam a função de denúncia para o coordenador e diretor da escola. Assim a autora afirma, que a escola é o lugar mais viável para a identificação dos sinais, dessa forma de violência, em crianças vítimas de abuso sexual, mas ressalta que os professores se sentem de mãos amarradas devido à ausência de formação e suporte adequado para a área. Segundo citado por Moummar (2012, p.17), para Françoise Dolto essas crianças precisam ser vistas e ouvidas pois as marcas perpetuam para o resto da vida.

A partir dos elementos causados pelo impacto da violência sexual na infância, percebemos o tamanho do problema que percorre na maioria das denúncias efetivadas pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, visto que muitos casos ainda permanecem negligenciados dentro do contexto social.

Ainda é possível identificar, através de pesquisas como a de Vagliatti (2014), a dificuldade encontrada pelos professores e pela equipe escolar ao se deparar com essas situações de violência e abuso sexual uma vez que, a escola é o primeiro lugar em que a criança manifesta seus sintomas que muitas vezes, envolvem uma série de questões psicológicas e que interferem no processo de ensino aprendizagem. Os professores apresentam dificuldades em identificar quando uma criança ou um adolescente, que está no seu ambiente escolar, esteve ou está passando por esse tipo de violência. Quando identificam, não sabem o que fazer. É preciso encarar a realidade e enfrentar o problema. Fazer a denúncia anônima através do disque 100. Além disso, tais professores precisam de uma formação básica e continuada para atender a essas questões presentes na escola, saber olhar e escutar essas crianças, para ser suporte e minimizar a angústia traumática das mesmas.

2 | PROCESSOS EDUCATIVOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para que possamos compreender como as questões sobre a sexualidade e a violência sexual se configuram hoje, e como nós professores/as e educadores/as enfrentamos essas temáticas, precisamos recorrer à história da humanidade e para isso, é indispensável discuti-las atreladas à Igreja, ao Estado, à Escola e à Família.

Conhecer uma sociedade ou uma época de uma sociedade, é descobrir o que ela diz, como o diz, porque o diz, para que o diz, a quem o diz, como foi possível esse dizer, que práticas o suscitaram e foram suscitadas por ele e o que não é dito. (CHAUÍ, 1984, p. 181).

O termo infância, tal qual o compreendemos nos dias de hoje, se dá no século XVI e consolida-se no século XVII. Por muito tempo, a criança, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim como um adulto em miniatura (GAGLIOTTO, 2014).

As mudanças no contexto social e cultural, a entrada da colônia portuguesa no Brasil, além de várias outras influências, enfatizaram a figura masculina e instituíram a família patriarcal. Para os homens, esse contexto social, trouxe além das diferenças físicas e biológicas em seus corpos, a distinção de papéis sociais desempenhados por cada um dos gêneros: funções masculinas e funções femininas. À mulher, coube o espaço privado da casa, passando para os bastidores da história, onde permaneceu durante todo o período que se estendeu entre os séculos XVI ao XIX, período da Colonização. Segundo Engels (1984), a família era o único espaço comum entre homens e mulheres; as mulheres com o compromisso de zelar pelo lar, por mais modesto que fosse ou se apresentasse, e para tanto cuidar do/s (a/s) filho/s (a/s) e do marido. No entanto, os homens eram os protagonistas da história com o dom da oratória e força física. As crianças permaneciam vistas como adultos em miniatura e sem necessidades específicas para o seu desenvolvimento.

A sexualidade vivida pelos habitantes brasileiros, mais precisamente os

índios, anteriormente à Colonização, era de forma integrada à vivência humana em sua plenitude, de forma integral e completa e, não como pecado moral. A partir da nova configuração e da influência religiosa trazida pelos portugueses

O amor tornou-se dissociado do corpo e a sexualidade apartou-se da Espiritualidade. O estado virginal da mulher, que no tempo da Deusa significava não pertencer a homem algum, pelo simples fato de pertencer a si mesma, passou a designar falta de experiência sexual e exigência fundamental para o matrimônio e a entrada no reino do céu. A partir desse momento, o feminino e a mulher foram sendo desvalorizados e a função patriarcal e a falocêntrica passaram a ocupar o topo da sociedade. (SOUZA-LEITE, 2009, p.26).

Os jesuítas incomodados com a nudez dos índios e escravos trazidos pelos próprios portugueses, no cenário da Colonização, pregaram a repressão da sexualidade com a influência da Igreja Católica “Uma educação sexual, que, aos poucos, foi transformando a ideia de liberdade sexual em pecado moral [...]” (GAGLIOTTO, 2014, p.29). Surgiu então, um Deus todo poderoso superior a tudo e a todos. Vale ressaltar que os conceitos e palavras mudam e são reelaborados de acordo com o momento histórico e as relações de organização social e cultural da época e, para os portugueses a nudez dos/as índios/as estava longe de ser erótico.

Diante deste contexto histórico, as instituições escolares não são espaços neutros e as manifestações e comportamentos relativos à sexualidade também se propagam na escola. Segundo Mészáros (2008, p.77), a escola é uma das, ou a mais importante instituição, comprometida com a formação para a cidadania e a vida em sociedade e “os educadores também precisam ser educados”. As questões sobre sexualidade, e neste caso, a violência sexual contra crianças, estão presentes no dia a dia da escola, muitas vezes negligenciadas e não validadas pelos/as professores/as. Está presente nas manifestações agressivas, nas humilhações, nas exclusões, na intimidação, nas ameaças, nas brigas e em todo comportamento que se estabelece dentro e fora da escola.

Como afirma Vagliatti (2014), os professores não se sentem preparados para identificar e como lidar com essas manifestações, por isso acreditamos que assim descrito por Lima, Vasconcelos e Gomes (2012, p.5)

[...] somos indivíduos de múltiplas caras: virtuosos e pecadores; liberais e conservadores; permissivos e autoritários; severos com os erros dos outros, mas indulgentes com os nossos; em grupo, politicamente corretos, mas preconceituosos e homofóbicos na intimidade; exigentes dos direitos, mas descumpridores dos deveres; além de outras contradições que marcam as nossas ações no cotidiano.

Daí a importância em discutir sobre educação sexual nas escolas, na formação inicial e continuada de professores. Durante o Seminário Integrador, atividade realizada na disciplina de Prática de Ensino e Pesquisa sob a forma de estágio supervisionado, na experiência enquanto professora na graduação em Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE (*Campus* de Francisco Beltrão / Paraná), foi possível observar, a fragilidade dos/as professores/as regentes, das escolas municipais e estaduais onde são realizados os estágios em

Francisco Beltrão - Paraná, em tratar os assuntos relacionados a identificar os sinais de violência sexual contra crianças, bem como nos aponta Vagliatti (2014) em sua pesquisa, ressaltando a educação infantil. Os/as professores/as afirmam que se sentem coagidos em ouvir os relatos de violência, sendo que a partir do momento da escuta se tornam também, responsáveis pela segurança daquela criança.

Diante disso, observamos que no campo escolar, a inclusão da temática Educação Sexual não vem sendo abordada por vários motivos, dentre eles, as principais queixas são a falta de formação e materiais didáticos que os ajudem a planejar. Os livros didáticos, presentes na escola, enfatizam a parte técnica e biológica, ou seja; o aparelho reprodutor, gravidez, DST e puberdade, não compreendendo que as manifestações e expressões da criança no seu dia a dia podem ser um grito de socorro, e que na maioria das vezes, como nos mostram os dados, esses atos de violência são cometidos pelos parentes mais próximos, isto é; incestuosamente. Reafirmamos a urgência em incluir a temática da violência sexual contra crianças na formação de professores, a fim de identificar os sinais e as manifestações de tal ato, de dar segurança a essas crianças, uma vez que os danos, de toda ordem, trazem consequências danosas ao processo de aprendizagem e podem carregados por toda uma vida.

Entendemos que os/as professores/as são fundamentais na atuação da prevenção e identificação da violência sexual, uma vez que passam grande parte do tempo com essas crianças e que a necessidade de formação e capacitação de profissionais da educação encontra-se disposta no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, 1990) artigo 70 no inciso III, evidenciando a importância de desenvolver nestes profissionais, “competências necessárias à prevenção, à identificação de evidências ao diagnóstico e ao enfrentamento de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente”. (s/p)

Acreditamos que se abirmos espaços para debates e discussões sobre a temática da sexualidade e da violência dentro da escola, estaremos prevenindo e combatendo as mais variadas situações de risco em que as crianças se encontram, uma vez que negligenciar também é violentar.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a presente pesquisa foi possível identificar as consequências psicológicas como risco de suicídio, ansiedade envolvendo angústias, fobias, sentimento de ódio, comportamentos violentos, imaturidade sexual, bloqueio sexual, falta de desenvolvimento afetivo, desconfiança e insegurança, comportamentos antissociais e até mesmo uso de drogas. Que uma criança carrega consigo quadros de dificuldades como, se relacionar com os outros, falta de concentração, medo, masturbação excessiva, inapropriação do conhecimento científico, agressividade,

sonolência, preguiça entre outros fatores que apresenta na escola. Ressaltamos a importância da psicanálise para o entendimento do incesto, ocupando um lugar de preocupação para Freud que o definiu como trauma vivido pela criança nos primeiros anos de vida, chamando-o de histeria e posteriormente como teoria do trauma, capaz de explicar fatos que repercutiram no psiquismo do sujeito resultantes de repressões de uma sedução real ou sexual depositadas no inconsciente e repercutidas no consciente em formas de sintomas. Moummar (2012), afirma em sua obra, que a autora Françoise Dolto em suas escutas, percebia, no mundo familiar das crianças atendidas, os mal-entendidos enfrentando-os por meio de observação aguçada primordial para suas análises. Assim, é possível afirmar que a psicanálise transmite um significativo aporte para o processo de ensino aprendizagem no esclarecimento e na ajuda do trabalho dos educadores.

Segundo Araújo (2002), há casos nos quais a vítima assume o papel de culpada pelo ocorrido, sendo acusada de destruir o estado de harmonia e de unidade da família, podendo até ser afastada de casa.

Diante de todas essas consequências e danos que o incesto provoca na criança, é comum que ela manifeste seu sofrimento no ambiente escolar e que este acabe interferindo no seu desenvolvimento e aprendizagem. Com frequência a expressão dessa dor aparece, por exemplo, em comportamentos agressivos, apáticos, nas dificuldades de socialização e nas questões relacionadas à aprendizagem.

Para o professor entender o que está sendo expresso, em cada uma dessas situações, é preciso, antes de mais nada, enxergá-las como oportunidades de expressão, mesmo que não se tenha de imediato clareza do que está se revelando.

É bastante comum que meninas ou meninos que foram abusados, apresentem grandes dificuldades para se aproximar dos professores do mesmo sexo dos abusadores. Nestas circunstâncias, estabelecer relações de vínculo afetivo é um processo que pode inaugurar uma experiência, ao mesmo tempo amorosa e respeitosa, fundamental na construção da identidade, desenvolvimento e aprendizagem. Estudos mostram que as crianças que haviam recebido nenhum ou baixo nível de apoio apresentam, significativamente, maiores níveis de psicopatologia e distúrbios psicológicos quando comparadas às crianças que receberam apoio.

Moummar (2012), aponta que a psicanalista de crianças, Françoise Dolto contribui para o entendimento do incesto, do desenvolvimento infantil da aprendizagem, pois, já na infância, detectou, no seu pequeno mundo familiar os contrasentidos e segredos que existem nas relações entre as pessoas e, especialmente, entre crianças e adultos. Para poder enfrentá-los desenvolveu um aguçado sentido de observação que seria muito útil na sua prática clínica. E, assim, desde a idade de oito anos lhe pareceu necessário criar uma ponte de comunicação entre pais e filhos. Queria ser “médica da educação”.

Segundo a concepção psicanalítica, o incesto, com menores de idade, seria a vivência explícita e real das fantasias de desejo e de posse do objeto de amor,

presentes no chamado complexo de Édipo por meio de um ser humano perverso que por sedução e/ou violência física cria a ação incestuosa. Assim, indica um indivíduo que suportou na realidade algo que seria um complexo de fantasias recalcadas, uma criança que vivenciou com uma de suas figuras de amor a cena primitiva do incesto.

Conclui-se que a psicanálise tem fundamental importância para o processo de ensino e aprendizagem e para o esclarecimento e a ajuda no trabalho desses educadores na temática do incesto sofrido pelos seus alunos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em estudo**, 7(2), 3-11. Associação brasileira multiprofissional de proteção à infância e adolescência (ABRAPIA). Maus tratos contra crianças e adolescentes. Proteção e Prevenção. Guia para orientação para profissionais da saúde. Petrópolis: Autores e & Agentes & Associados.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. 6. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trad. Leandro Konder. 9. ed. Civilização Brasileira : Rio de Janeiro, 1984

FREUD, Sigmund. (1997). **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago Ed.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância**: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias. São Paulo / Jundiaí:Pacco Editorial: 2014.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS. (2015) Disponível em: < <http://www.sdh.gov.br/noticias/2015/maio/disque-100-quatro-mil-denuncias-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-foram-registradas-no-primeiro-trimestre-de-2015> >. Acesso em 15 de junho de 2016.

LIMA, Diogo Acioli; VASCONCELOS, Ivar César Oliveira de; GOMES, Candido Alberto. Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. Cadernos de Pesquisa. Vol.42, nº.146. São Paulo May/Aug. 2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742012000200018>. Acesso em 16 de janeiro de 2017.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2 ed. Editora: Boitempo. 2008.

MOUMMAR, C.C. E. (2012). **Abuso sexual Infantil e incesto**: a ética de escuta na clínica de Françoise Dolto. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/475/1074>> Acesso em 01/07/2016.

PRADO, M. C. C. A., PEREIRA, A. C. C. **Violências sexuais**: incesto, estupro e negligência familiar. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000200012 >. Acesso em 26/03/2017.

PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

SOUZA-LEITE, Célia Regina Vieira de. **Subjetividade e a construção dos gêneros no decorrer da história**. In: SOUZA-LEITE, Célia Regina Vieira de (Org.). Constituição do sujeito: história, educação e gênero. São Paulo: Iglu, 2009.

VAGLIATI, A. C. (2014). **Gritos do Silêncio**: O professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar. Dissertação de mestrado. Programa de Pós – Graduação em Stricto Senso. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adestramento 9, 192

Aluno 6, 161

Alunos Surdos 6, 9, 20, 21

Aprendizagem baseada em problemas 98, 100, 106, 107

Atividades de Estudo 182

B

Bens culturais 138, 229

C

Capoeira 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243

Comunidade Tradicional 22

Construtivismo 9, 192, 194, 196, 199

Coordenador Pedagógico 120

Criança surda e escola inclusiva 1

Cultura de Paz 213, 219

Currículo 128, 138

D

Discurso 169

Diversidade cultural 128

E

Educação 5, 1, 6, 8, 11, 12, 13, 20, 21, 22, 23, 24, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 65, 66, 71, 73, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 97, 106, 107, 108, 117, 118, 120, 121, 128, 138, 139, 147, 153, 167, 182, 183, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 213, 214, 215, 216, 219, 220, 224, 226, 227, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 246, 248, 254, 255

Educação escolar indígena 47, 57, 58

Educação Especial 1, 8, 12, 13, 34, 35, 36, 39, 45

Educação Superior 39

Ensino bilíngue 1

Ensino de Matemática 9, 182, 183

Ética 108, 111, 112, 114, 117, 118, 119

F

Fibonacci 200, 201, 202, 204, 208, 209, 210

Fonoaudiologia 3, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85

Formação Continuada 84, 85, 120, 121

Formação de professores 227

Formação Inicial 220, 224

I

Inclusão 6, 3, 6, 9, 20, 21, 39, 44, 45, 46, 240, 243

Interação 59

L

Laços Afetivos 148

N

Nambikwara Katitauru 47, 48, 49, 50, 53, 54, 56

Narrativas de Formação 120

P

Psicanálise 66

Psicopedagogia 41, 148, 149, 150, 153, 160

S

Sala Anexa 47

V

Visita Técnica 22, 30

W

Wittgenstein 9, 192, 193, 196, 197, 198, 199

 **Atena**
Editora

2 0 2 0